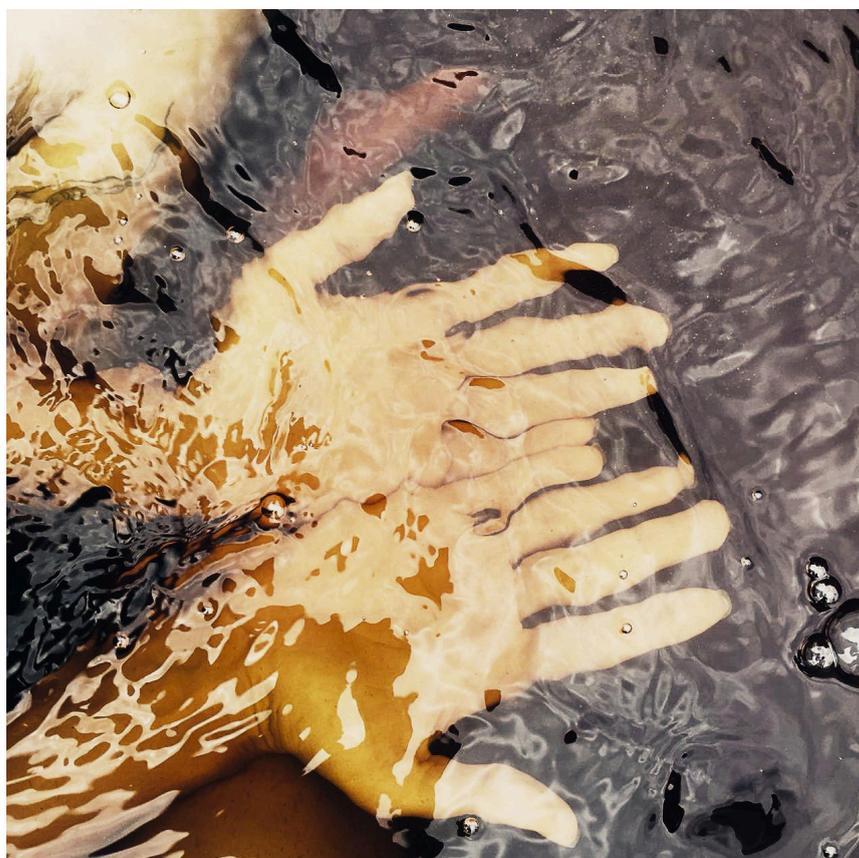


No caminho das águas:  
o nascimento de uma educadora ambiental



MAYARA AMANDA PEREIRA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - LICENCIATURA (NOTURNO)

MAYARA AMANDA PEREIRA

**No caminho das águas:  
o nascimento de uma educadora ambiental**

Ilha de Santa Catarina  
2024

**MAYARA AMANDA PEREIRA**

**No caminho das águas:  
o nascimento de uma educadora ambiental**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso

Ilha de Santa Catarina  
2024



Pereira, Mayara Amanda

No caminho das águas : o nascimento de uma educadora ambiental / Mayara Amanda Pereira ; orientador, Leandro Belinaso, 2024.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. educação ambiental. 3. corpo-memória. 4. cartografia das águas. 5. oficina criativa. I. Belinaso, Leandro . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. III. Título.

Mayara Amanda Pereira

**No caminho das águas:  
o nascimento de uma educadora ambiental**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Daniela Cristina de Toni  
Coordenação do Curso

**Banca examinadora**

---

Prof. Dr. Leandro Belinaso  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Narjara Zimmermann

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Gabriele Nigra Salgado

Ilha de Santa Catarina, 2024



## AGRADECIMENTOS

Sou profundamente grata à minha família amorosa, especialmente à minha avó Amanda e à minha mãe Márcia, que carregadas de afetos e cuidados nutriram-me de amor por este e outros caminhos.

À Carmina, por sua poesia e companheirismo do dia a dia, e aos meus queridos sogros, pelo carinho que sempre me dedicaram.

Agradeço imensamente às pessoas parceiras que se tornaram verdadeiros abrigos ao longo deste trajeto: Maria, Aninha, Ana Carolina, Agier, Gabriel, Malu, Ana Mayer, Mirian, Toth, Lúgia e Gio.

Ao meu orientador Leandro, agradeço pela paciência e pela amorosidade durante toda a construção desta pesquisa; nossas conversas iluminaram o caminho.

Aos estudantes do Colégio de Aplicação Karoline e Axrael, e às professoras Ciriane, Juliana e Eloisa, sou grata por todas as nossas trocas.

Aos estudantes da Escola Básica Municipal Henrique Veras e à professora Raphaela pela parceria durante toda a pesquisa.

Aos professores Alessandra Fonseca e Paulo Horta por me apresentarem a Lagoa da Conceição de uma outra perspectiva.

À Universidade Federal de Santa Catarina, por garantir minha permanência em uma instituição pública de qualidade.

Agradeço a todas as mulheres que romperam barreiras, possibilitando que eu pudesse trilhar meu caminho com mais liberdade.

E às águas que me atravessaram e me impulsionaram até aqui, minha eterna gratidão.

Desabou água, limpou o céu  
Lágrima prismática encheu o rio  
E o meu coração encheu de amor  
(Luiza Lian)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, dividido em três seções, cartografa minha jornada pessoal de nascimento como educadora ambiental, passando pelo meu corpo-memória e pelas minhas experiências com as águas. Na primeira parte, reflito sobre minhas memórias de infância, que foram fundamentais para a escolha de seguir o caminho das águas e da educação ambiental. Passo brevemente também pela minha trajetória acadêmica, destacando as vivências e influências que guiaram meu interesse na área. Na segunda parte, relato a oficina focada na criação de um caderno-diário como ferramenta criativa para estudantes da Escola Municipal Henrique Veras e visito a experiência de uma saída de campo junto à Lagoa da Conceição, que se apresentou nas práticas pedagógicas realizadas como um ser encantado. Na terceira e última seção, pontuo brevemente as memórias de uma viagem significativa. Nela, as águas desempenharam um papel central em minhas reflexões e experiências afetivas. Este estudo não apenas documenta minhas experiências formativas, mas também possibilita enxergar como as conexões afetivas com as águas estão presentes na trajetória de uma educadora ambiental em gestação.

Palavras-chave: educação ambiental, corpo-memória, cartografia das águas, oficina criativa.

## ABSTRACT

This work is divided into three sections, maps my personal journey from birth as an environmental educator, passing through my body-memory and my experiences with water. In the first part, I reflect on my childhood memories, which were fundamental to my choice to follow the path of water and environmental education. I also briefly go through my academic career, highlighting the experiences and influences that guided my interest in the area. In the second part, I report the workshop focused on creating a notebook-diary as a creative tool for students at Municipal School Henrique Veras and I visit the experience of a field trip to Lagoa da Conceição, which was presented in the pedagogical practices carried out as an enchanted being. In the third and final section, I briefly highlight memories of a significant trip. In it, waters played a central role in my reflections and affective experiences. This study not only documents my formative experiences, but also makes it possible to see how affective connections with water are present in the trajectory of an environmental educator in the making.

Keywords: environmental education, body-memory, waters cartography, creative workshop.

<b>PASSAGEM 1</b> .....	<b>13</b>
Caminho se faz navegando.....	13
(Re)conhecendo caminhos.....	14
Fluindo.....	20
Formação Cultura Oceânica.....	22
A Lagoa da Conceição.....	24
<b>PASSAGEM 2</b> .....	<b>27</b>
Abrindo caminhos.....	27
Diário de Bordo.....	28
Encontro um.....	28
Encontro dois.....	31
Encontro três.....	33
A capa.....	33
Encontro quatro.....	34
Costurando.....	34
Encontro cinco.....	36
Atividade na margem.....	36
<b>PASSAGEM 3</b> .....	<b>39</b>
Atravessando lagos, rios, oceanos.....	39
<b>Referências:</b> .....	<b>45</b>

**No caminho das águas:  
o nascimento de uma educadora ambiental**



Imagem: arquivo pessoal

**PASSAGEM 1**

**Caminho se faz navegando**

Os caminhos aqui compartilhados fazem parte de algumas trajetórias que compõem minhas vivências e experiências como pessoa e pesquisadora da vida.

Desde muito nova, minhas andanças pelo mundo são permeadas por seres não humanos, complexos, cheios de histórias e memórias. Para contar um pouco dessa trajetória, partirei de um período da minha infância que ainda pulsa em mim. Digo pulsa, porque faz parte de mim, está presente em grande quantidade em meu corpo, mas também vibra em memórias que visito com frequência.

A água é um elemento que desde pequena me intrigou e com muita frequência estive e está presente no meu cotidiano. Ao visitar memórias na busca

de entender em que momento passei a me reconhecer como educadora ambiental, pude perceber que este foi um elemento fundamental nessa construção inacabada.

### **(Re)conhecendo caminhos**

“Lá no bairro que eu moro  
só existe uma nascente  
a nascente dos meus olhos  
já formou água corrente”

(Canção de Tião Carreiro e Pardinho)

As mudanças de casa eram (ainda são) algo frequente na minha vida e infância. Por não ter um lugar fixo, foi possível conhecer diversos lugares que proporcionaram diferentes vivências. Algumas dessas mudanças percebo ser importante me aprofundar e expor aqui.

Quando criança, por volta dos cinco ou seis anos, estive em uma casa onde o quintal era frutífero. Mangas, bananas, goiabas. Chão fértil de terra avermelhada, espaço de inventividades. Mas, o que realmente me despertava atenção era meu vizinho.

Morei ao lado de um ser que viria a ser um grande companheiro, o rio de Piracicaba.

Hoje, sei que o rio de Piracicaba nasce da junção dos rios Atibaia e Jaguari e percorre 250 km até a sua foz no rio Tietê, mas eu apenas conhecia uma pequena parte, uma margem especificamente, que naquela época parecia ser muito grande e larga, isso, provavelmente, devido ao meu pequeno tamanho. Penso que talvez eram as possibilidades que se estendiam e se alargavam para nós.

O rio me atraía, quase como um chamado, me fazia acordar cedo com empolgação para ir visitá-lo. Era possível passar horas mergulhando, submergindo, sendo invadida pelo seu silêncio, ou brincando de atravessar de uma margem à outra, se agarrando aos troncos que encontrava no caminho. Lembro de pensar/questionar: “como poderia haver tanta água naquele lugar?”. Quando chovia, o cenário mudava, o rio transbordava, invadia o pasto, a rua e a minha mente, “para onde iria essa água?”. Nos dias de cheia, era terminantemente proibido entrar na água, não ousaria, afinal sua fúria neste período me fazia temê-lo. Meus irmãos e

primos tinham a audácia de descer correnteza abaixo quando a água estava correndo, achava o máximo, queria fazê-lo também, porém sua força nesses momentos me intimidava. Passei a conhecê-lo muito bem, ficamos amigos, eu o respeitava, e se não era convidada para entrar, não o fazia, bastava estar ali e contemplar<sup>1</sup>.

Era praticamente um evento quando a família que morava em São Paulo capital ia nos visitar. Todos gostavam de desfrutar de momentos junto ao rio e, naquela época, ele também se tornou parte da família. Além disso, frequentamos um pequeno clube de piscinas que tinha no bairro. Ali, pude aprender as primeiras braçadas que, mais tarde, apresentaria ao rio.

“O Rio de Piracicaba  
vai jogar água pra fora,  
quando chegar a água,  
dos olhos de alguém que chora.”  
(Canção de Tião Carreiro e Pardinho)

Em período de chuvas fortes, como mencionado, o rio transbordava invadindo a rua. Sinal de que algo parecia não se encaixar. Não percebia que as casas que foram construídas ao seu redor acabavam por invadir seu espaço, e esse número de casas só aumentava. Tais eventos climáticos geravam e geram inseguranças.

Devido ao ambiente úmido e quente, que tornava o local propício para a propagação de parasitas externos como carrapatos, muitos animais domésticos morriam. Com isso, sem entender o porquê, os corpos desses animais eram lançados na correnteza do rio como forma de resolver o cheiro ruim de decomposição. Lembro dessas cenas me marcar. Ficava chateada pelos animais, pelo rio, por essa sensação de impotência, só reconhecida mais tarde, diante dos ocorridos.

Como podia a água me fazer sentir tão viva e ao mesmo tempo trazer o medo da morte?

“Pertinho da minha casa  
já formou uma lagoa

---

<sup>1</sup> O trabalho de conclusão de curso de Raquel Rohden (2018) serviu como inspiração para a construção da minha escrita.

com lágrimas nos meu olhos  
 por causa de uma pessoa.”  
 (Canção de Tião Carreiro e Pardinho)

Talvez naquele contexto a morte não era o que minha família mais temia, e sim a invasão de água em casa, que recorde chegar até o quintal. Era o suficiente para transformar a terra avermelhada em lama. Em contrapartida, na minha mente inventiva era o momento perfeito para brincar no quintal. Material de artes à vontade. O que provavelmente era divertido para mim em alguns momentos, preocupava minha mãe em todos os âmbitos.

Por essas e outras o bairro passou a ser visto como inseguro, então, novamente, mudamos de casa.

Me despedir do rio foi difícil, mas ao mesmo tempo estava empolgada com a ideia de uma outra casa e não compreendia como isso me afetaria.

“Duvido alguém que não chora  
 pela dor de uma saudade  
 quero ver quem não chora  
 quando ama de verdade.”  
 (Canção de Tião Carreiro e Pardinho)

Na inconsciência de tentar findar uma saudade, com alguma frequência, meus pais me levavam para visitá-lo, porém em outro trecho onde era possível avistar seus movimentos e quedas.

Mudando novamente de casa, conheci outro quintal. Limões e goiabas novamente e, dessa vez, acerola, com seu suco azedo. Me apaixonei por acerola, aguardava ansiosamente os períodos em que o pé ficava carregado, podia comer bacias da fruta sem enjoar.

O rio ainda era próximo de casa, não vizinho, mas ainda próximo. Porém, não podia mais adentrá-lo, agora parecia um pequeno córrego. As casas abafaram sua existência.

Nesse período, comecei a frequentar a escola, sendo outro lugar que percebi que podia experienciar os espaços.

Pensar a escola significava poder subir em árvores recheadas de jambolão e comer a fruta direto do pé, acompanhar o crescimento de pés de feijão, a

construção de uma casa de João de barro, observar a chuva encharcar a terra e ver surgir lamas, material que viria ser um belo bolo ou pão de mentirinha. Tudo que dizia respeito a estar ao ar livre, coabitando o ambiente, eu topava sem pestanejar. O mundo parecia muito grande, e aquele quintal que o compunha me chamava a atenção. Mas uma outra novidade surgiu.

Ao iniciar o ano de alfabetização, o quintal passou a ser menos frequentado e estar em sala de aula era desafiador. A novidade das letras me assustou. As junções das letras não significavam palavras para mim, eram símbolos e formas sem sentido e não se encaixavam com a minha vontade naquele momento. O quintal da escola era o que me interessava. Passei a resistir aos aprendizados das palavras. Recordo que isso me causou um tipo de sofrimento na época. Não gostava mais de estar ali. O que confortava era saber que tinha recreio e poderia subir na árvore novamente.

Teve um episódio específico no recreio que, atualmente, me faz refletir sobre o espaço escolar. Iniciamos o intervalo como de costume, correndo para a liberdade de movimento do corpo, brincando de pega pega, balançando no parquinho, subindo no pé de jambolão. Só que dessa vez, quando acabou o recreio, eu fiquei escondida em cima da árvore. Não sabia que ia causar preocupação nas pessoas que me cuidavam na escola. Fiquei lá em cima, quietinha, escondida para que ninguém me notasse e assim eu pudesse continuar ali.

Olhando para esse episódio, percebo que não era apenas o fato de querer estar na árvore, mas sim a fuga daquilo que não me era familiar. Quando me encontraram, foi um alívio para as professoras e, como resposta, fui repreendida duramente e proibida de subir na árvore sozinha, agora só com alguém observando e limitando meu tempo. Em mim, havia um misto de sentimentos. Porque eu gostava das professoras, e não queria desagradá-las, ao mesmo tempo que não gostava do que elas estavam me propondo. Desaguei. E assim, começaram muitos episódios de não querer ir para a escola.

A escola, um espaço que proporciona vivências e diversos aprendizados, naquele momento me fez experimentar a repreensão do meu modo de ser e estar. Mas como diziam “é para o seu bem.” Compreendo que estabelecer determinados limites naquele momento era importante para incluir os novos aprendizados que a mim estavam sendo apresentados. Porém não interpretei dessa maneira e somente não fazia sentido.

Comecei a ter crises de asma, vivia ansiosa, quando ainda não conhecia essa palavra. Ficar sem ar. Já experimentou prender a respiração o máximo de tempo que consegue? Ou já experimentou puxar o ar e não conseguir respirar? É uma das piores sensações que já vivi. Minha mãe, sempre na tentativa de me acolher, preparava banhos de “sauna” no banheiro de casa. Na água vaporizada e aquecida conseguia respirar melhor.

Com o passar do tempo fui me readaptando ao espaço escolar, criando amizade com as professoras, que inclusive passavam bastante tempo comigo. Mal eu sabia que mais mudanças aconteceriam.

Por diversas questões familiares, foi colocado que mudaríamos de casa novamente, só que dessa vez incluiria mudança de cidade também, iríamos para São Paulo. Foi uma felicidade saber que moraríamos perto da família que só nos visitava nas férias. Vó, prima, primos. Cidade grande, uma nova aventura.

Dessa vez, nosso quintal não tinha árvores frutíferas, apenas um pedacinho de terra exposto, o restante era concreto. Onde conseguiria minhas acerolas?

Por sorte, acreditei, tinha uma feira que acontecia aos sábados na rua ao lado de casa. E, mais sorte ainda, foi que encontrei acerolas em pacotinhos. A decepção que veio a seguir partiu meu coração. As acerolas não eram boas do jeito que eu lembrava. Eram frutas passadas, como se diz. Minha vó me explicou que porque viajaram muito para estar ali, o sabor seria diferente. Seria mais gostoso um suco do que comer elas amassadas.

Tive a brilhante ideia; e se plantássemos acerola naquele pedacinho de terra? A vó explicou que não era tão simples assim, que demoraria anos para crescer, e que aquela terra não era tão boa para plantio. Terra boa? E que precisaria muito de água, teria que regar diariamente. Regar? Tudo bem, eu cuidaria da acerola, afinal, não pareceu uma má ideia mexer com água todo dia. Pegamos a fruta na feira, tirei a semente e plantei, torcendo para que ela brotasse. E brotou. O que eu não contava era que o demorar, era demorado mesmo. E pior ainda, é que não comeria uma acerola sequer crescida naquele pé.

Esse episódio, mais tarde, se tornou referência para mim sobre tempo, atenção, plantio, cuidado e mostrou como a água é necessária para o nosso crescimento.

As novidades não pararam por aí, afinal, com uma nova casa, vinha uma nova escola. E esta definitivamente não tinha um quintal que me atraia. A maioria

das atividades aconteciam na sala de aula. Eu seguia com dificuldade de aprender e por mais que eu nadasse, não saía do lugar. Sentia um certo constrangimento por não conseguir ler, pois era uma das poucas alunas que ainda não conseguia. Hoje, percebo que muito dessa dificuldade acontecia por conta de todas as mudanças. Por mais que meu corpo estivesse naquela sala, minha mente (coração) estava em outro lugar. Eu habitava a saudade. Do rio, das árvores, dos quintais. De pertencer.

E como uma chuva que chega encharcando a terra seca, conheci uma professora que começou a me regar.

Era a terceira série quando a professora Adriana "surgiu" (naquela altura quase como um ser celestial) com sua imensa paciência, firmeza e amorosidade. A ela são tantos adjetivos que já cunhei que não cabe aqui. Ela estava decidida a me ensinar a ler e escrever. E em um processo de me ensinar a também ter paciência e respeitar o tempo das palavras, consegui me alfabetizar. Um rio de palavras se abriu para mim.

Comecei a carregar comigo sempre um caderno, onde pudesse tomar notas, desabafar, escrever palavras novas que chamaram a atenção, simplesmente escrever quando tivesse vontade. Era uma espécie de diário. Achava o máximo ter um diário. Tinha um espaço confidencial só meu. Sem regras para escrever. Escrevia (ainda escrevo) nas laterais das folhas, fugia das linhas.

Aprender a ler e escrever foi uma das travessias que mais me marcaram na infância, pois ampliou minha forma de ler o mundo e poder me expressar. As palavras se tornaram companheiras, agora era possível colocar no papel muitas ideias e sentimentos. Os livros se tornaram abrigo.

Durante as férias, minha avó passou a levar eu e meus primos e prima para a praia. Essa era uma novidade que me enchia (enche até hoje) de empolgação. Minha prima e eu podíamos passar horas na água, não importava se tinha sol ou estava nublado. O corpo enrugava. Só saíamos da água quando ouvíamos o chamado da fome. Recordo das noites de sono ser das melhores coisas depois de um dia todo de praia. Ainda mais quando no dia seguinte tinha mais.

Nossa infância separou-se de nós  
como um iceberg  
nós a olhamos afastar-se  
lentamente  
o brilho cego do gelo contra o sol

e tudo que dizem que há por baixo  
(Iceberg, Ana Martins Marques)

Os anos que se sucederam em São Paulo foram de muitos desafios e novas adaptações. O modo de habitar a cidade era outro, mais restrito e cauteloso. As brincadeiras se mesclavam com os elementos da cidade. Asfalto, basquete, skate. E como quem brinca sem ver o tempo passar fui crescendo e deixando para trás as vivências que me encantavam.

### **Fluindo**

A possibilidade de estar na universidade era algo distante da minha realidade, além de não me enxergar neste lugar.

Estudei a vida toda em escola pública, fiz a maior parte do ensino médio no período noturno e, por muitas vezes, as aulas não eram levadas muito a sério pela turma. Quando chegou a época de finalizar a escola e os diálogos sobre vestibular e faculdades começaram a surgir, eu não tinha ideia do que gostaria de cursar. Não havia muito incentivo por parte dos professores também. De qualquer modo, caso quisesse entrar em uma faculdade teria que trabalhar para pagar. E assim foi.

Psicologia foi minha primeira opção de curso. Gostava e ainda gosto de buscar entender como a mente funciona e de como esta se relaciona com o nosso desenvolvimento. A intenção era poder trabalhar com dependentes químicos, naquela época começou uma epidemia de crack em São Paulo. Porém, cursei apenas por um ano. Não conseguia pagar os estudos por completo e tinha receio de financiamento estudantil. Que garantia tinha de que iria conseguir pagar futuramente? Faltava maturidade também. Não me senti apta a continuar os estudos. Segui trabalhando.

Passados alguns anos, comecei a amadurecer a ideia de retornar aos estudos. Não queria ficar somente trabalhando, mesmo sendo uma necessidade na organização social na qual vivemos. Ainda tinha sede de conhecimento. Queria poder mergulhar nos livros, nos estudos, nas trocas e conexões que a universidade poderia me proporcionar. Através de conversas com diversas pessoas e depois de fazer algumas pesquisas, comecei a conhecer as opções de bolsas de estudos, de políticas de cotas e permanência estudantil. Como diria Chico Science “me

organizando posso desorganizar”, dessa vez me organizei de uma forma mais estratégica e confiante.

Decidi fazer cursinho pré vestibular por um tempo. Reconheci que muitos dos conteúdos cobrados em prova não recordava ou não tinha visto na escola. Ganhei mais confiança para fazer as provas e pude ter mais acesso também aos tipos de vestibulares. Assim, conheci a biologia na UFSC.

Estava certa de que não queria estudar em São Paulo, não que eu não gostasse da cidade, mas sentia que precisava reencontrar algo que em mim havia se perdido, e ali não era o lugar que desejava ficar. Com frequência a observava e me questionava, que caminhos de concreto são esses que estamos construindo? Pense só no rio Tietê, são tantas as avenidas e pontes que o atravessam, inúmeros edifícios que o cercam que o rio quase não consegue respirar mais. Como podemos fazer isso com esse corpo d'água? O rio atravessa São Paulo ou São Paulo atravessou o rio? Em que momento enquanto humanidade passamos a ocupar os espaços como se fosse somente nosso e para nós?

Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios. Esse exercício de escuta do que os cursos d'água comunicam foi produzido em mim uma espécie de observação crítica das cidades, principalmente as grandes, se espalhando por cima dos corpos dos rios de maneira tão irreverente a ponto de não termos quase nenhum respeito por eles. (Futuro Ancestral, Ailton Krenak. p. 24).

Tantos questionamentos também serviram de impulso para lançar meu corpo no mundo e buscar outras formas de existir. E por que não se ilhar? Assim o fiz, cerquei-me de água.

Mudei para a ilha de Santa Catarina após passar no vestibular da UFSC. Muitas novidades ao mesmo tempo. Cidade, estudos, pessoas. As amizades construídas logo de início me ajudaram a suportar a ausência da família na fase de adaptação. O mar está mais perto.

Entre na universidade já desbravando as áreas da educação escolar e ambiental.

O Colégio de Aplicação me abraçou durante os anos de estágios, possibilitando a expansão das minhas vivências nas diversas formas de estar no espaço escolar. A princípio iria atuar somente com educação ambiental no projeto

Cheiro Verde no Quintal da Escola, o que remetia às minhas memórias da infância. Ali, pude aprender a cultivar mudas de variadas espécies de vegetais, cuidar de composteiras, preparar substratos para plantio, dentre muitas atividades que dizem respeito ao cultivo de hortas. No entanto, tive o privilégio de conhecer neste mesmo lugar o Núcleo de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, que apresentou um outro universo até então desconhecido para mim.

No Núcleo, pude atuar junto a pedagogas especialistas nas diferentes áreas da educação inclusiva, que assistem estudantes com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades/superdotação. E sob orientação das pedagogas, acompanhei diretamente dois estudantes do colégio: um aluno do 1º ano do fundamental e uma aluna do 8º ano do fundamental. Com ambos, adotei uma postura pedagógica baseada na rede afetiva da amorosidade que permeava a nossa rotina na escola. Rotina essa que exigia, cada um na sua subjetividade, cuidado, atenção, paciência e empatia. Pude aprender também sobre interdependência, pois ao mesmo tempo que acompanhava o crescimento e desenvolvimento dos estudantes, acompanhava o desenvolvimento e crescimento da horta e ambos precisaram ser regados.

Durante estes percursos de formação, fomos surpreendidos por uma tempestade que se aproximou lentamente, mas logo fez estrago. Foi anunciada uma pandemia mundial, e nossos trajetos mudaram de rota. Mais uma vez e, de uma forma muito intensa, percebemos que algo não está certo com nosso ecossistema.

### **Formação Cultura Oceânica**

Tendo em vista meus processos de formação, fui em busca de embasamento sobre o advento das mudanças climáticas, pois este tema passou a estar presente na universidade e comunidade.

As mudanças climáticas, segundo as Nações Unidas, “são transformações ao longo prazo nos padrões de temperaturas e climas da Terra e incluem consequências como escassez de água, aumento do nível do mar, inundações, tempestades severas, secas intensas, e declínio da biodiversidade” (ONU, 2022).

Com o objetivo de aprofundamento em torno destes acontecimentos, me envolvi em um curso intitulado “Formação para educadores: Cultura Oceânica,

Mudanças Climáticas e Ciência Cidadã”, ministrado e mediado pela professora Alessandra Fonseca e pelo professor Paulo Horta, composto por aulas teóricas, práticas e proposições de ações educativas por parte de todos os participantes envolvidos, em sua maioria professores da rede pública de Florianópolis.

Abordando especificamente as aulas práticas, estas ocorreram, em sua maioria, na Lagoa da Conceição, lugar atingido em 2021 pelo rompimento de uma barragem de evapoinfiltração<sup>2</sup> da empresa Casan, ocasionando uma crise hidro-sócio-sanitária na região. Moradores tiveram suas casas atingidas e perderam grande parte dos pertences materiais.

Para avaliar a situação, o projeto Ecoando Sustentabilidade, em parcerias com Laboratório de Biodiversidade e Conservação Marinha (LBCM), Laboratório de Ficologia (LAFIC), Laboratório de Oceanografia Química e Biogeoquímica Marinha (LOQUI), Núcleo de Estudos do Mar (NEMAR), fizeram um levantamento sobre o impacto sofrido pela lagoa e apontaram a perda de biodiversidade aquática no local atingido, assim como uma alta quantidade de deposição de matéria orgânica.

Populações ribeirinhas que vivem ao redor da lagoa percebem as mudanças e estão preocupadas com seu futuro. Existem diversos movimentos sociais de moradores da região, como o Movimento dos Atingidos por Barragem, que reivindicam e visam promover e atentar para a preservação da mesma. Além disso, tais populações estão expostas a ansiedade climática, pois esses grupos sofrem diretamente os impactos das tragédias ocasionados pelas mudanças climáticas.

---

<sup>2</sup> Barragem de evapoinfiltração é uma unidade que faz parte de um grande sistema de tratamento de esgoto e permite que o efluente tratado retorne a natureza. (CASAN, 2021).

## A Lagoa da Conceição



Imagem: arquivo pessoal

O que é o que é  
Aluvião que cai de pé, corre no chão  
H<sup>2</sup>O é ouro em pó  
No ponto futuro o doce e o sal vão se misturar  
(BaianaSystem)

A Lagoa da Conceição, uns dos cartões postais da ilha de Florianópolis, é um organismo vivo, sujeito de direitos como diz à Lei Orgânica N. 47 de 2019:

O art. 133 da Lei Orgânica do Município de Florianópolis passa a vigorar com a seguinte redação: Destacamos que reconhecemos os Direitos da Natureza, considerando os aspectos ecossistêmicos e as cosmovisões da Lagoa da Conceição, tendo como perspectiva de planejamento e ações, o conceito de Bacia Hidrográfica e o ciclo da água. Art. 133. Ao Município compete promover a diversidade e a harmonia com a natureza e preservar, recuperar, restaurar e ampliar

os processos ecossistêmicos naturais, de modo a proporcionar a resiliência socioecológica dos ambientes urbanos e rurais, sendo que o planejamento e a gestão dos recursos naturais deverão fomentar o manejo sustentável dos recursos de uso comum e as práticas agroecológicas, de modo a garantir a qualidade de vida das populações humanas e não humanas, respeitar os princípios do bem viver e conferir à natureza titularidade de direito. (Mandato Agroecológico, 2021.)

No livro *Ideias Para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak (2019), o autor nos diz “Watu<sup>3</sup> e os outros rios, junto com seus seres, são entidades vivas, astutas o suficiente para mergulhar em busca de lençóis freáticos e escapar do bullying das lajes de concreto que tenta lhes aprisionar o fluxo ou mesmo sobreviver ao ecocídio tóxico dos detritos” (p. 40).

O curso de formação para educadores mencionado anteriormente possibilitou uma visita “diferenciada” à lagoa. A esta altura, já se sabia sobre a saúde da lagoa, e de alguns processos de remediação que seriam (ainda são) necessários para recuperá-la.

Durante uma saída de campo, fomos convidados a conhecer a lagoa. Sua extensão é de aproximadamente 20 km quadrados. Não visitaríamos sua totalidade, mas sim pontos específicos que seriam os locais de estudos práticos. Seria possível conhecer um pedaço de sua biodiversidade.

Para isso utilizamos um barco. Aqui pode parecer óbvio para alguns que esta seria a opção para se locomover pela lagoa, mas minha suposição era que as práticas seriam feitas apenas nas margens, onde temos acesso pelos calçadões e bairros em torno. Foi preciso navegar.

Não havia conhecido a lagoa dessa forma, só a enxergava da margem com os olhos, paisagem que toma a vista. O dia estava radiante.

O plano era o grupo de formação conversar com os professores Horta e Alessandra, pois os mesmos explicariam sobre a diversidade ecológica do local. Conforme adentramos a lagoa, o cheiro do ar foi mudando, assim como a umidade. Paramos com o barco em outra margem, lugar possível de se banhar (não o fizemos, mas vontade não faltou). Hora de desembarcar.

O pé toca a água, alcança um fundo raso. A lagoa me toca. Os pelos arrepiam e em instantes fui parar em outro lugar. A quanto tempo não sentia aquilo?

---

<sup>3</sup> O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, é nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. (*Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak, 2019).

Ao adentrar seu espaço, fui deslocada para dentro da minha memória junto ao rio de Piracicaba. Que sensação familiar. Era como se algo tivesse reavivado dentro de mim. Parecia o mesmo fundo, a mesma água, só que em lugares diferentes. Essa sensação de familiaridade não é algo banal, ela está intrinsecamente conectada às minhas vivências junto ao rio e senti que estas me trouxeram para junto a lagoa. Percebi naquele momento que durante os meus processos de formação fui trilhando o caminho das águas.

Comecei a vislumbrar como gostaria de fazer meu trabalho de conclusão de curso. Não tinha dúvidas de que a água faria parte do processo.

Para mim o encontro com a lagoa, além de acolher e possibilitar conhecer a diversidade que ali habita, foi um dispositivo de memória afetiva com as águas. Talvez houvesse outras pessoas que também a sentia assim. Seria possível propiciar vivências para que tais memórias se manifestassem? Como capturar as memórias? É possível capturar uma memória?

Eu me lembro que eu tinha falado da memória como uma possibilidade de sermos corpos cheios de memória, de viver a experiência de um corpo-memória. Eu falei do corpo-território, do corpo-memória, e eu fiquei maravilhado de ver que as minhas irmãs que foram falar depois falaram o tempo inteiro de corpo-memória. E de território. Porque uma retomada é uma retomada de um território. E como a gente está compartilhando essa experiência multicultural, pluricultural, totalmente atravessada de experiências individuais, é muito interessante se permitir essa certa promiscuidade de um entrar na memória do outro. É isso que nós estamos fazendo: estamos entrando um na memória do outro. (Krenak, 2023)

Através da fala de krenak, refleti sobre o corpo-memória junto às águas e este serviu de guia para elaborar o desenvolvimento de práticas pedagógicas em Educação Ambiental junto a lagoa e com uma turma que me foi possibilitado conhecer.

## PASSAGEM 2

### Abrindo caminhos



Imagem: arquivo pessoal

Através do curso de formação, tive o prazer de conhecer a Raphaela, que é professora na Escola Básica Municipal Henrique Veras, localizada próxima a Lagoa da Conceição. A Rapha me cedeu espaço nas suas aulas de ciências com a turma do 7o. ano (26 estudantes), para desenvolver uma oficina de criação dos cadernos-diários e ainda dentro do curso de formação, seria possibilitado também práticas junto à lagoa.

A ideia de fazer uma oficina de criação de cadernos-diários surgiu a partir da minha própria relação com este objeto ao visitar minhas memórias e perceber o quanto estão presentes no meu dia a dia. Ainda, tive a oportunidade de aprender a criar artesanalmente meu próprio caderno, o que tornou esta relação mais afetiva.

Segundo Ribeiro e Preve (2018), a oficina entende-se como o lugar da realização de um ofício, e tudo que está atrelado a um determinado fazer que demanda ou constituiu um lugar para realizar-se (p. 37). Pretendia-se, através da confecção dos diários, propiciar um espaço de criação subjetiva de cada estudante. Os estudantes os utilizariam para construir suas narrativas sobre as experiências

vividas junto à lagoa, ou para anotações que desejassem fazer, como uma espécie de diário de bordo.

Diário de bordo é pois um registro, mais ou menos regular, dos dados de navegação de um determinado navio, onde constarão rumos, registros de observações astronômicas, aspectos meteorológicos e outras tantas efemeridades consideradas como importantes para a boa condução da navegação e para uma informação posterior sobre a viagem (Medrado, Spink, Mello, 2014, p.274).

Com os estudantes da escola Henrique Veras, tive curiosidade em saber como seria navegar por essa criação.

Sempre que iniciamos uma pesquisa, seja científica ou para a produção artística, estamos entrando num território que requer atenção e a habitação nesse território, que em princípio não era habitado por nós. Se pensarmos no pesquisador como um cartógrafo, ele entra num campo onde há processos em curso e onde ele irá começar a pesquisa de um determinado ponto. Mas esse ponto não é o início; é o meio. Do mesmo modo, quando se termina a pesquisa, as possibilidades de transitar no território continuam. (Scareli, 2021, p.7)

Para isso, tivemos três encontros voltados para a elaboração do caderno diário, e outros dois encontros com a lagoa. E como forma de capturar alguns fragmentos desses encontros navegantes, criei meu próprio diário de bordo e o compartilho aqui.

## **Diário de Bordo**

### **Encontro um**

No primeiro dia de encontro, durante o trajeto até a escola, escuto algumas músicas para tentar me acalmar em relação à expectativa de conhecer a galera e saber se tudo vai fluir bem. Assim que o ônibus começa a subir o morro da lagoa, respiro fundo e observo a paisagem. É como se fosse um portal este morro, a mata verde anuncia que está ali viva, resistente, diversa, e a cada curva da descida, respiro mais fundo, contemplando a vista da lagoa, que logo surge na próxima curva. É de uma beleza singular, e apesar das casas ao seu redor, que parecem

destoar da paisagem, ela está lá, resistente como a mata. Este trajeto vou trilhar pelos próximos dias.

Chegando na escola já vejo as crianças em frente ao portão, é tanta energia borbulhando ali, que dá saudade de quando estava nesse meio. Logo encontrei a Maíra (colaboradora do curso de formação) em frente à escola, que me acalmou com sua voz dizendo: “Fica em paz que hoje vai ser um dia mais tranquilo, pra gente se conhecer..”

Passamos o portão... e uma aluna caminha ao meu lado com uma bandeira LGBTQIAPN+ nas costas, logo me ultrapassando para alcançar as colegas. Esse pequeno momento, porém cheio de significados, aquece meu coração. Um sino dos ventos toca, e percebo que há muitas possibilidades nesse lugar.

Ao entrar na sala, os estudantes estão se acomodando em suas cadeiras, vejo que o diretor também está presente. Aquela figura meio “Dona Lola”<sup>4</sup>, só que um pouco mais calmo. Ele nos apresenta e pede a colaboração da turma durante as atividades. A partir dali, Maíra e eu assumimos a dinâmica.

Fizemos uma roda, nos sentamos no chão e conversamos. Ali pude ver um pouquinho de cada um, “conheci” a Isa, Vitoria, Lary, Noah, Jesus, Sophie, Sofia, Lara, Amanda, Roca, Davi, Júlia, Benjamin, Luiz, Bryan, Henrique, entre outros estudantes. Foi possível identificar alguns grupos de colegas que se parecem muito entre si. Depois do momento de apresentação, escutamos um pouco sobre as histórias acerca das vivências junto à lagoa.

Alguns cresceram ali, outros vieram de longe. Foi muito bom poder ouvi-los. Esse primeiro contato traz muita timidez e retração, de ambos os lados, estudantes e educadores. Comuniquei à turma que iremos fazer um caderno, para ser nosso diário de uso. Senti por parte deles uma “empolgação” misturada com “o que??”.

Ao final do nosso primeiro encontro, um estudante com brilho nos olhos que raramente vi, e uma voz suave, se aproxima para conversa:

Profe, você é o que?

Como assim?

Você é formada em que?

---

<sup>4</sup> Dona Lola é uma personagem caricata da animação brasileira Irmão do Jorel e, tem como profissão ser diretora escolar.

Ah, estou me formando Bióloga.

Mas você é bióloga marinha?

Ainda não, quem sabe um dia, gostaria muito!

Meu sonho é ser biólogo marinho, eu quero muito, tenho muitos animaizinhos, uma salamandra Axolote que veio dos EUA comigo, você já viu uma?

Já sim, é aquela que parece que está sorrindo?!

Essa mesmo, ela chama Charlotte.

Que massa. Você tem que conhecer os laboratórios da UFSC, vai pirar!

Tem como eu ir lá, como faço, é só ir?

Podemos combinar uma visita, mas muito em breve vai ter a Sepex<sup>5</sup>, e vocês vão participar. Vários Labs vão expor seus trabalhos, e você poderá visitar os que estiverem expondo.

Que legal profe, eu quero muito, quero mesmo. No domingo fui picado por uma aranha, olha. Mas a culpa foi minha.

Por quê?

Porque eu estava fazendo uma trilha e decidi parar para descansar tirei a camiseta porque estava muito quente, deixei ela jogada do lado Quando peguei a camiseta de volta não olhei e tinha uma aranha nela e a aranha me picou. Levei o maior susto, e vi ela indo embora Na mesma hora minha mãe correu comigo para o hospital porque comecei a passar muito mal, foi horrível. Mas agora estou bem!

Que tenso, tenho um pouco de medo de aranha, mas que bom que você está bem! Foi um prazer te conhecer, nos vemos muito em breve.

---

<sup>5</sup> Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão (SEPEX) é um evento de divulgação científica da Universidade Federal de Santa Catarina.

Posso te dar um abraço profe?

Mas é claro!

Me despeço da turma, com vontade de querer ficar mais um pouquinho. Veio a música da Tulipa Ruiz:

Vou ficar mais um pouquinho  
Para ver se eu aprendo alguma coisa  
Nessa parte do caminho.

### **Encontro dois**

Fui para a escola de carona com a professora Alessandra (Alê), conversamos durante o trajeto, e a apreciação da lagoa foi diferente dessa vez, pois estava concentrada na nossa conversa. Falamos sobre a turma, política, educação, escola, morte, superações.

Seguimos para dentro da escola e na sala de aula já estavam alguns estudantes, todos curiosos para conhecer a professora Alê, afinal outra carinha nova por ali.

Fizemos alguns combinados com a turma, pois visitaremos a ponta do pitoco, local da lagoa próximo à escola. Durante o trajeto, alguns estudantes recolheram lixos que estavam jogados na rua. Ao chegar, nos aconchegamos em círculo na grama e a Maíra conduziu a conversa, junto com uma colaboradora da escola. Conversamos como a lagoa estava diferente, como a paisagem foi mudando com os anos, e fizemos um exercício de tentar apagar as casas em volta e imaginar como era tudo antes dessas habitações.

Após o exercício, coletamos água perto de uma saída de esgoto que cai na lagoa, para os estudantes observarem no microscópio (atividade feita com a Rapha posteriormente). Percebemos que o tempo passa super rápido e a atividade da prática não deu tempo de ser feita junto com os estudantes.

Falei com uma estudante da turma para montarmos uma playlist<sup>6</sup> com músicas que todos gostam. Queria durante as atividades de confecção do caderno-diário colocar um sonzinho para embalar a prática.

Saí da escola com a função de juntar os materiais para a confecção do caderno-diário, pois o próximo encontro será para iniciar nossa oficina.

Voltei de carona com a profe Alê, o que rendeu mais uma boa conversa. Política, religião, ciência, reforma de casa, saúde, signos.

---

<sup>6</sup> Playlist criada coletivamente com a turma:  
[https://open.spotify.com/playlist/3jgzyd2M3f2ZfQBvnZZG0r?si=S-phOsFfSWCEY5SCwNU1RA&pi=okj\\_UX8fR8KfU](https://open.spotify.com/playlist/3jgzyd2M3f2ZfQBvnZZG0r?si=S-phOsFfSWCEY5SCwNU1RA&pi=okj_UX8fR8KfU)

## Encontro três

### A capa

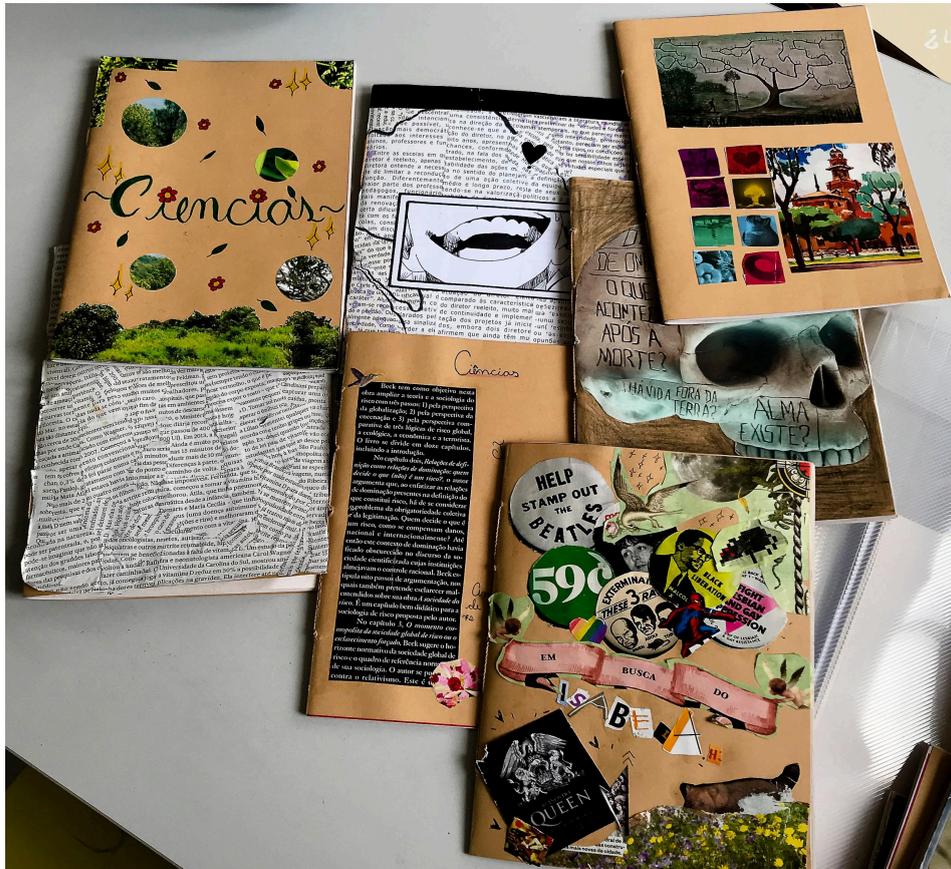


Imagem: arquivo pessoal

Nos dias que antecederam a oficina, coletei diversos materiais que seriam possíveis de usar na criação artística do caderno diário. Revistas, jornais, folhas coloridas, cola, tinta, giz, linha, tentei variar o máximo que consegui. Então, quando cheguei na escola estava segura em relação a organização da oficina.

A turma pareceu empolgada com a proposta, tendo em vista que a aula seria um pouco diferente do habitual. Entendo que estas fissuras no dia a dia de uma escola são importantes para arejar as nossas práticas enquanto educadores.

Como inspiração inicial à prática, apresentei à turma um livro diário da navegadora e escritora (não necessariamente nesta ordem) Tamara Klink (2021), que o profe e orientador Leandro havia me emprestado. No livro Mil Milhas, Tamara nos conta de forma simples e bonita seus sonhos e planos de navegar em solitário pela primeira vez e, que os diários por sua vez fazem parte de suas travessias desde criança. Li um trecho para a turma, que ficaram boquiabertos com a coragem da jovem de se lançar ao mar “sozinha” e, como ela mesma disse “sonhos são

coisas perigosas... a gente não define tê-los, nem decide como serão. Eles nascem por eles próprios, crescem em silêncio e espalham raízes nas nossas escolhas todas” (p. 22). Em conversa percebemos que, além da companhia de um diário, podemos ter a companhia dos nossos sonhos.

Aumenta o som e mão na massa.

Cada um à sua maneira e gosto criou o que viria a ser a capa do caderno. Se revezaram entre recortes e cantorias, e aos poucos cada arte surgiu.

## Encontro quatro

### Costurando



Imagem: arquivo pessoal

O dia da costura do caderno foi intenso. Cheguei na escola antes do horário previsto para organizar os materiais, separar o que era necessário, furar as folhas guias da costura. Paralelo a isso, a escola estava acontecendo.

A atividade foi um tanto caótica, a turma estava mais agitada e isso me preocupou, pois nessa parte da confecção utilizamos agulhas (grandes) para costurar o caderno-diário, então era preciso concentração. Foi difícil furar todas as folhas, passar a linha na agulha, alinhar as folhas, entender onde começava e

terminava o ato de costurar. Talvez fosse interessante contar com a ajuda de outros professores/estudantes no processo ou dispor um pouco mais de tempo.

Os cadernos-diários não foram costurados por completo, ficaram pela metade, inacabados. Quando eu pisquei o tempo da aula já tinha acabado. Alunos saem correndo, professores também. Fico meio atordoada sem entender o que foi que aconteceu. Uma risada de desespero.

Depois de refletir um pouco penso que está tudo bem, pois assim são alguns processos inacabados, porém sempre propícios a continuações. Conversei com a professora Rapha, e a mesma cedeu mais um período de sua aula para finalizarmos.

Conseguimos! Agora cada um tinha seu caderno-diário.

## Encontro cinco

### Atividade na margem

Na tentativa de elaborar o que foi esta saída de campo, me faltam palavras para descrever, pois considero ser um dia muito especial. A ideia em si era que os estudantes pudessem visitar a lagoa durante uma prática pedagógica de Educação Ambiental e conhecer seu ecossistema, assim como participei no curso de formação. Tomamos um barco, navegamos, desembarcamos.

Conversamos brevemente sobre a biodiversidade presente no local, como se fosse uma aula ao ar livre, enquanto caminhamos por uma margem... fiquei feliz de estar ali de novo. Sutilmente e sem demoras, nos lançamos água adentro.

Foi curioso perceber que, ao contrário das pessoas que estiveram comigo durante o curso de formação e que também visitaram o mesmo local, os estudantes não demoraram para responder ao chamado da Lagoa. O convite para o banho foi aceito sem pestanejar, a lagoa se apresentou como um ser encantado.



Imagem: arquivo pessoal



Imagem: arquivo pessoal

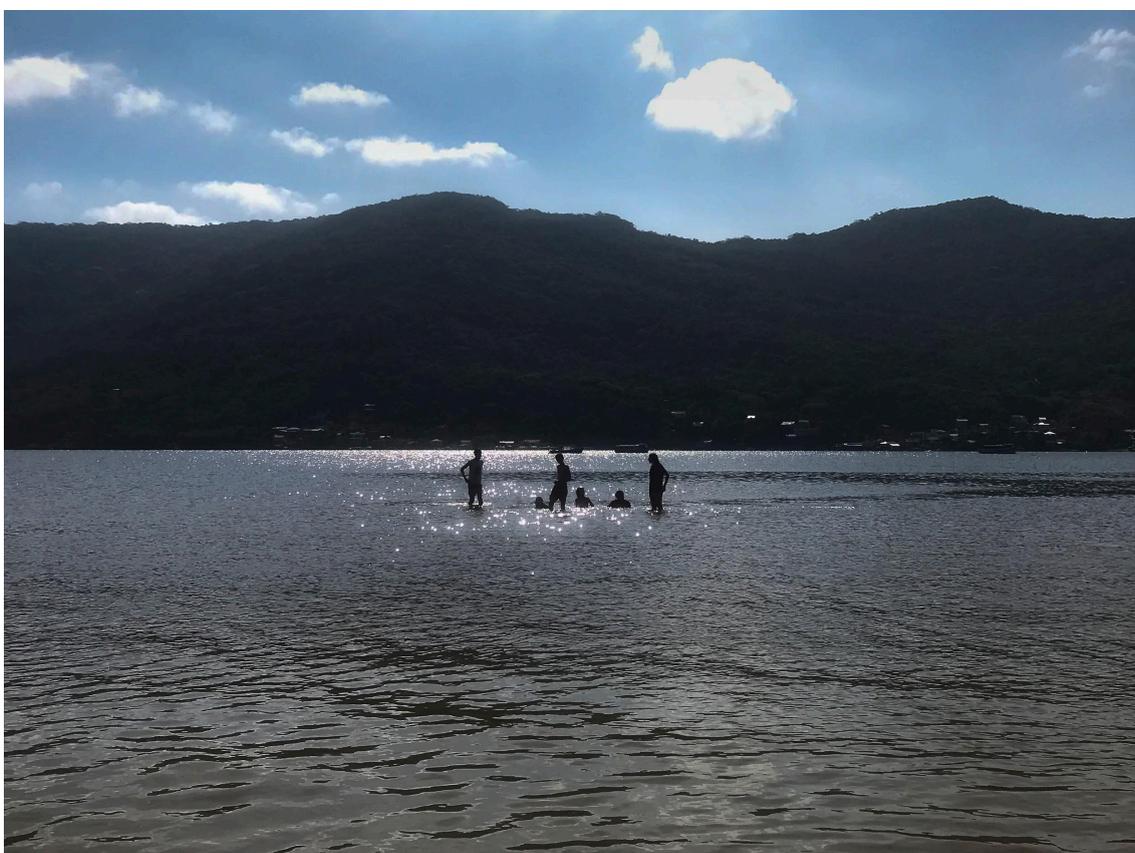


Imagem: arquivo pessoal

Percebo as memórias afetivas se constituindo ao longo da saída de campo, tomando forma, se fundindo com o brincar, com o estar. A lagoa foi e é esse ser que proporciona abrir o corpo ao mundo, o corpo-memória.

### PASSAGEM 3

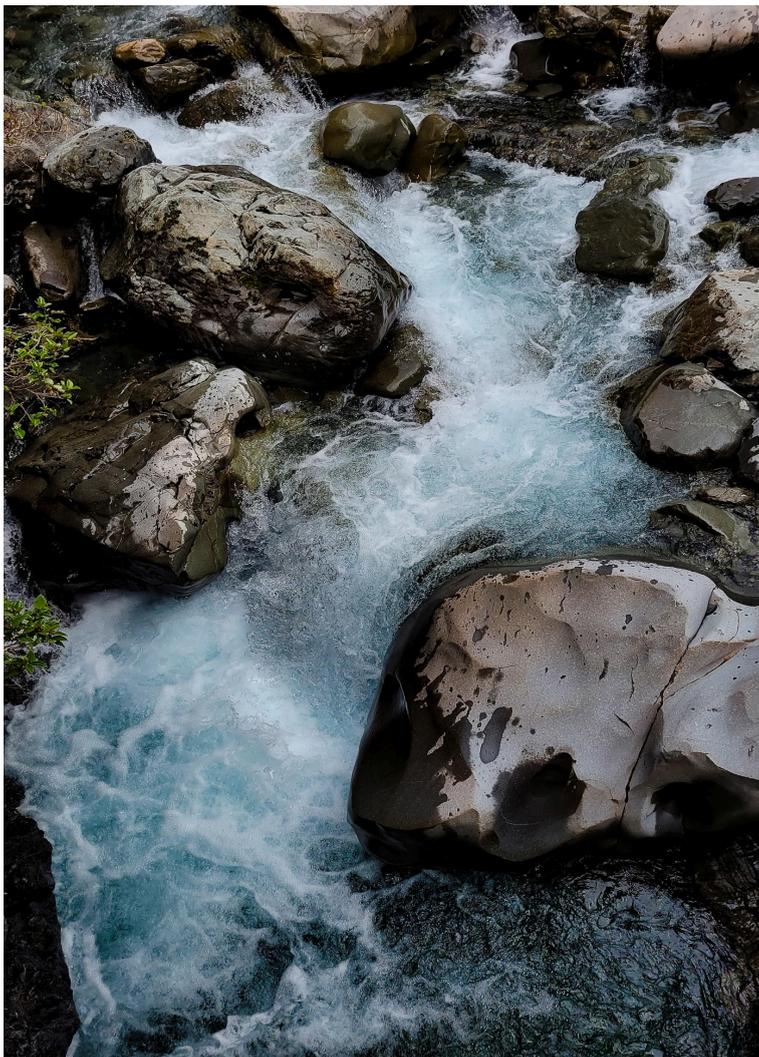


Imagem: arquivo pessoal

#### **Atravessando lagos, rios, oceanos**

Findando as oficinas das práticas pedagógicas, comecei a desenvolver a escrita do trabalho de conclusão de curso. Paralelo à escrita, me organizava para fazer uma viagem na qual encontraria minha companheira que regressava de uma expedição oceânica.

Entre atravessar rios e lagoas, fui atravessar o oceano rumo a outro continente, se tornando uma das maiores aventuras que já experienciei. O destino foi Oceania, Nova Zelândia.

Durante a viagem, usei um diário com o qual fui presenteada, para tentar capturar um fragmento desta aventura. Compartilho aqui trechos de mais um trajeto do meu caminho com as águas.

### **Glowworm Caves**

Dia de visitar as glowworm caves. Foi incrível entrar em uma caverna, as cavidades eram marcadas pelo tempo.. não tempinho, tempão mesmo. De cor bege, parecia ter sido esculpida pelas águas. A acústica do ambiente não propagava eco, atraindo músicos famosos que já usaram o espaço para gravar. Lugar lindo, de uma beleza ímpar. As glowworm são espécies de larvas bioluminescentes, que se prendem ao teto da caverna, fazendo com que a mesma fique iluminada pela luz dos insetos. E para avistá-los, precisamos entrar em uma canoa que flui pelo rio dentro da caverna. Entrar numa canoa no escuro dentro de uma caverna, por essa não esperava. Surgiu à nossa frente um teto estrelado pelas glowworm, lembrando conexões neurais. Que dia!

Descobrimos onde dormiríamos a primeira noite. Um riacho lindo junto de uma árvore milenar (como disse a Ca). Nossa aventura de roadtrip começou!

### **Dia de balsa**

Acordamos cedo e nos preparamos para atravessar para a ilha Sul. A balsa é um navio grande que cabe muitos carros, motos e até caminhão. Ficamos aproveitando a vista da travessia. Cheia de morros com pinheiros e um mar azul escuro belo. Queria compartilhar minha vista com minha família, sei que muitos gostariam de ver isto aqui.

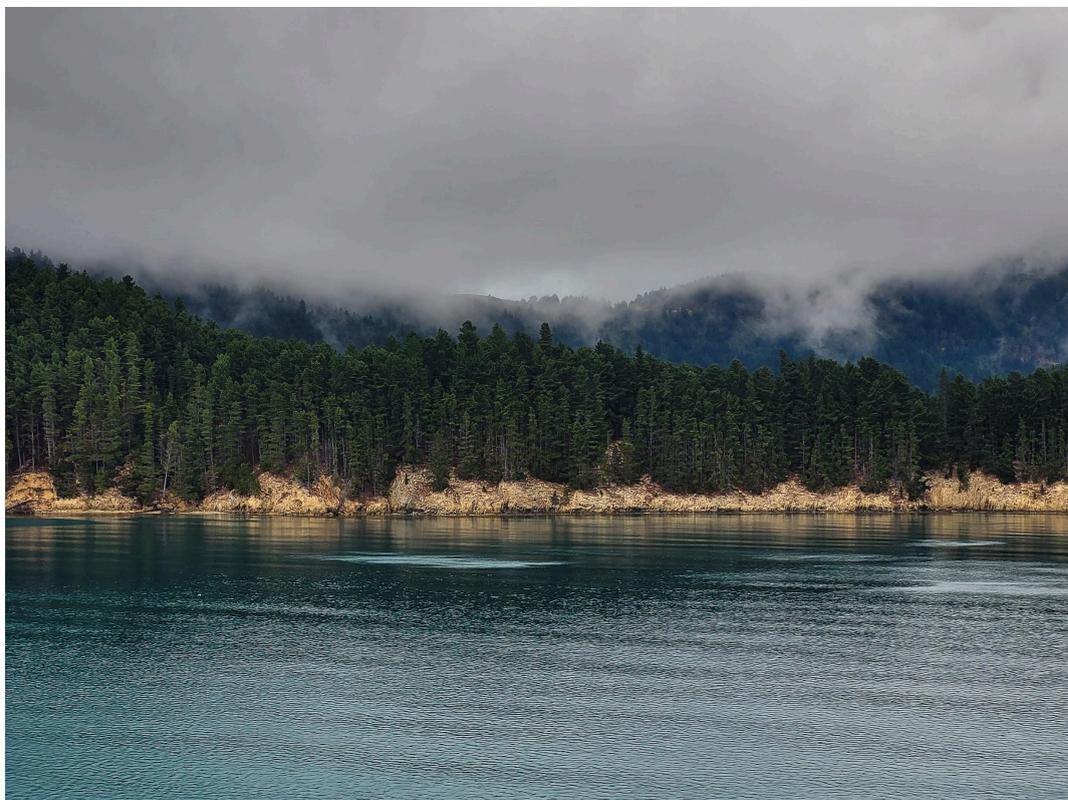


Imagem: arquivo pessoal

### **Mount Brewster, 3hrs de horas de subida**

Levantamos cedinho, vamos lá, preparados, lanchinhos prontos e seguimos rumo ao Mount Brewster. Logo de início, uma surpresinha, para começar a trilha da montanha foi necessário atravessar um riacho que descia da montanha, ou seja, água de degelo. Procurei por uma ponte, e nada. Não estava entendendo que colocaria o pé naquela água, até ver meus sogros tirando a bota. Convencida por eles, tirei as botas também, porém pensando “tá certo isso?”. Parei de pensar, só pisei na água e fui. E na mesma hora que fui, senti todos os meus nervos dos pés repuxar. Acreditei naquele instante que meu pé ia congelar. Busquei uma pedra para refúgio, mas foi em vão. Só ouvia uma voz dizendo “não para de andar que é pior”. Respirei fundo e voltei a caminhar. Nunca desejei tanto uma margem e, quando cheguei, meus pés doíam tanto que só conseguia imaginar minha mãe vendo essa cena e me alertando “em dia de correnteza não pode entrar no rio”, só que nesse caso em um riacho de degelo. A Ca me ajudou a esquentar os pés, e me confortou dizendo que o pior é quando não sentimos a dor, pois isso significa que a circulação parou. Que cena cômica!

Seguimos nossa trilha, três horas de subida foi mais que suficiente para esquentar o pé novamente. No retorno, o dia estava mais quente e o riacho acolheu os pés exaustos da caminhada.

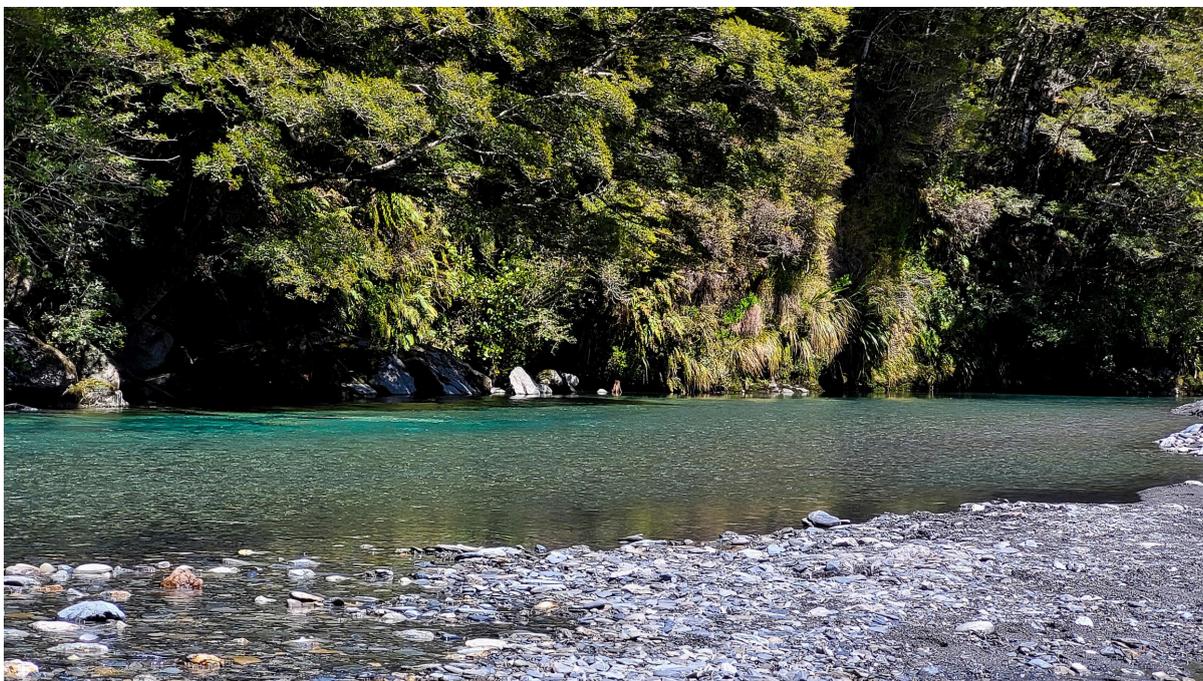


Imagem: arquivo pessoal

### Águas termais

A frase constante é “como a natureza é incrível”. Olha que coisa impressionante, ao mesmo tempo que existem as águas congelantes, existem as águas que fervem e ainda as águas perfeitas para banhos. Nos aventuramos nas fontes termais, foi muito divertido, exceto pelo odor forte de enxofre. Um corpo, muitas memórias.

### Memórias águas

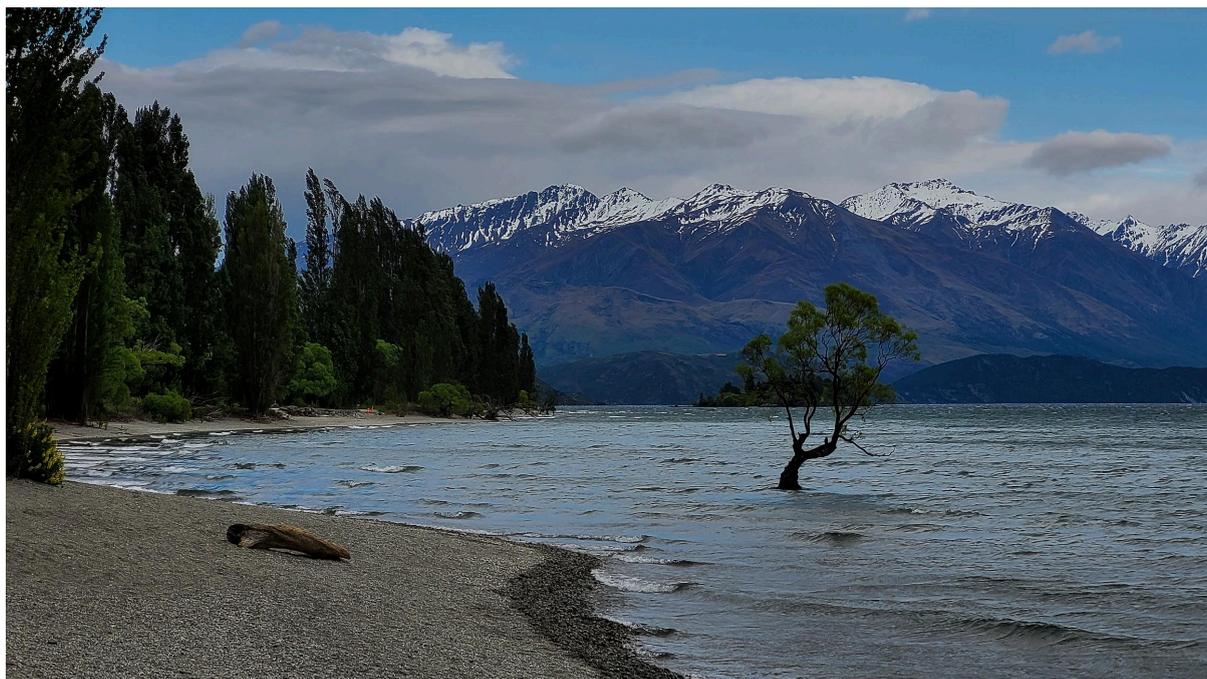


Imagem: arquivo pessoal



Imagem: arquivo pessoal



Imagem: arquivo pessoal



Imagem: arquivo pessoal



Imagem: arquivo pessoal

Hoje posso perceber que meu corpo-memória está inundado com as águas que atravessei e com as águas que me atravessaram.



Imagem: arquivo pessoal

### Referências:

BAIANASYSTEM - Antonio Carlos e Jocafi - Orquestra Afrosinfônica. Produção de Daniel Ganjaman. Música: Água. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aacX2NjPMlo>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BENEDITO MEDRADO, MARY JANE SPINK, RICARDO PIMENTEL MELLO. (Rio de Janeiro). Centro Edelstein de Pesquisas Sociais (ed.). **Diários como atuantes em nossas pesquisas**: narrativas ficcionais implicadas. Rio de Janeiro: Biblioteca Virtual, 2014. 273 p.

CHICO Science - Nação Zumbi. Produção de Ronaldo Viana. Música: Da Lama Ao Caos. 1994. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jDI5rZCntPc>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GT de Saneamento. Relatório Bacia Hidrográfica da Lagoa da Conceição: saneamento ambiental, esgotamento sanitário. Florianópolis: Mandato Agroecológico, 2021. Disponível em: <https://www.marquitoagroecologia.com/relatorio-lagoa>. Acesso em: 02 jun. 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Rio Piracicaba**. 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=446160>. Acesso em: 08 ago. 2024.

KRENAK, Ailton. Memória não queima. Caderno selvagem. Rio de Janeiro: Dantes, 2023.

KLINK, Tamara. Mil milhas. Rio de Janeiro: Peirópolis, 2021. 196 p.

KRENAK, Ailton. Futuro Ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 122 p.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

LOURIVAL dos Santos. Intérpretes: Tião Carreiro e Pardinho. Música: Rio de Lágrimas. 1970. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PPzikaO2H8w>. Acesso em: 03 jun. 2024.

LUIZA Lian - Bixiga 70. Música: Alumiô (Cai na Terra). 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0ymeO4xAWo>. Acesso em: 03 jun. 2024.

MARQUES, Ana Martins. A vida submarina. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. 143p.

NAÇÕES UNIDAS. O que são as mudanças climáticas?. Brasil, 2021. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>. Acesso em: 02 jul. 2023.

PROJETO ECOANDO SUSTENTABILIDADE (Florianópolis). Universidade Federal de Santa Catarina (comp.). Os primeiros 15 dias após o rompimento da barragem da LEI-CASAN. Florianópolis, 2020.

RIBEIRO, Danilo Stank; PREVE, Ana Maria H.. Oficinas começam à maneira das ruderais. Linha Mestra, [S.L.], v. 12, n. 34, p. 35-46, 20 mar. 2018. Revista Linha Mestra. <http://dx.doi.org/10.34112/1980-9026a2018n34p35-46>.

ROHDEN, Raquel. Entre afetos e correntezas, memórias: relações com os rios e a educação ambiental. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Florianópolis, 2018.

SAMPAIO, Luize. Será que vai chover: a ansiedade climática nas periferias. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/sera-que-vai-chover-a-ansiedade-climatica-nas-periferias/>. Acesso em: 01 jul. 2023.

SCARELI, Giovana. Os cadernos de anotações de Guimarães Rosa e de Eduardo Coutinho: algumas aproximações com a pesquisa em educação. Perspectiva: REVISTA DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, Florianópolis, v. 39, n. 01, p. 1-19, 19 jan. 2021.

TULIPA Ruiz - Gustavo Ruiz. Música: Efêmera. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Bo8Gg6dGIIQ>. Acesso em: 03 jun. 2024.